

# Políticas Públicas NA Educação BRASILEIRA

Diversidade

Atena Editora



Atena Editora

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:  
DIVERSIDADE**

---

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Edição de Arte e Capa:** Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

Profª Drª Adriana Regina Redivo – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª. Drª. Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
P769	Políticas públicas na educação brasileira: diversidade / Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 227 p. : 2.528 kbytes – (Políticas Públicas na Educação Brasileira; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-93243-76-9 DOI 10.22533/at.ed.769182003  1. Educação e Estado – Brasil – Multiculturalismo. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Série.  CDD 379.81
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## Sumário

### **CAPÍTULO I**

A AFIRMAÇÃO DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA E A LEI 10.639/03

Érica Monale da Silva Gomes, Paula Paulino da Silva, Suzana dos Santos Cirilo e Ivonildes da Silva Fonseca..... 5

### **CAPÍTULO II**

A ANTROPOLOGIA COMO PONTO DE REFLEXÃO SOBRE A DIVERSIDADE NOS CURSOS DE DIREITO

Rafael Gomes da Silva Carneiro e Brenno Fidalgo de Paiva Gomes .....16

### **CAPÍTULO III**

A ESCOLA DO CAMPO E OS SURDOS CAMPONESES: IMPASSES E POSSIBILIDADES FRENTE À INCLUSÃO ESCOLAR

Tamires de Campos Leite e Nágib José Mendes dos Santos.....25

### **CAPÍTULO IV**

A LITERATURA AFRICANA NO ENSINO DE HISTÓRIA: CONSTRUINDO PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA EM SALA DE AULA

Edmar Ferreira Santos .....35

### **CAPÍTULO V**

A POLÍTICA DE IGUALDADE DE GÊNERO NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS: ASPRIMEIRAS ASPIRANTES NA ESCOLA NAVAL

Hercules Guimarães Honorato.....48

### **CAPÍTULO VI**

A PRODUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA DO CAMPO: CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS

Maysa Conceição de Farias Albuquerque, Emanuelle de Oliveira Belisario e Maria Joselma do Nascimento Franco ..... 60

### **CAPÍTULO VII**

ARTE E CONSCIÊNCIA NEGRA: PRODUÇÃO DE SABERES NA INTERFACE ESCOLA E TERREIRO DE UMBANDA

Brenno Fidalgo de Paiva Gomes, Lílian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa e Rafael Gomez da Silva Carneiro ..... 73

### **CAPÍTULO VIII**

BOA ALUNA, MAU ALUNO

Hellen Cristina de Oliveira Alves .....81

### **CAPÍTULO IX**

CONCEPÇÕES DA PROPOSTA CURRICULAR E A PRÁTICA DE SALA DE AULA SOBRE A TEMÁTICA DA DIVERSIDADE EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL DE SÃO LOURENÇO DA MATA – PE

Joel Severino da Silva e Luciana Menezes de Lima Mendes .....87

### **CAPÍTULO X**

DOMINAÇÃO MASCULINA E ESCOLA PÚBLICA

Alan Isaac Mendes Caballero .....98

## **CAPÍTULO XI**

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA REFLEXÃO DA PRÀXIS PEDAGÓGICA QUE LEVAM AS ATITUDES DISCRIMINATÒRIA

Suely Marilena da Silva e Fernanda Carvalho Guimarães ..... 110

## **CAPÍTULO XII**

EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENFOQUE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM MURITIBA/BA

Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro, Grasiela Lima de Oliveira, Maria Juliana Chaves de Sousa e Alessandra Alexandre Freixo ..... 128

## **CAPÍTULO XIII**

EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A INCLUSÃO DOS POVOS CIGANOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO BRASILEIRO.

Maria Raquel Alves da Rocha ..... 140

## **CAPÍTULO XIV**

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: UMA FRONTEIRA QUE NECESSITA SER DESFEITA

Anna Carla Ferreira de Araújo e Anna Cristina Ferreira de Araújo ..... 152

## **CAPÍTULO XV**

JOGOS COOPERATIVOS E O PROBLEMA DA COEDUCAÇÃO – REFLEXÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Cynthia Nery da Silva, Jéssica Dayane da Silva Martins, Rayane dos Santos Borges, Silvana Nóbrega Gomes e Lígia Luís de Freitas ..... 161

## **CAPÍTULO XVI**

O SILENCIAMENTO DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: O AVANÇO DO CONSERVADORISMO NO BRASIL E NO RECIFE

Isabella Nara Costa Alves ..... 170

## **CAPÍTULO XVII**

O/A DOCENTE DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO/A MONITOR/A EM ALTERNÂNCIA

Grasiela Lima de Oliveira, Alessandra Alexandre Freixo e Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro ..... 182

## **CAPÍTULO XVIII**

OS CONFETOS DAS BICHAS DOCENTES COMO MARCADORES DA HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO

Roberto Vinício Souza da Silva, Rosemary Meneses dos Santos e Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento..... 195

## **CAPÍTULO XIX**

RELAÇÕES RACIAIS NO ENSINAR A CUIDAR EM ENFERMAGEM: DESAFIOS E OS POSSÍVEIS AVANÇOS NESSE CAMPO DE CONHECIMENTO

Valdeci Silva Mendes e Candida Soares da Costa..... 208

**Sobre os autores.....222**

### **EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A INCLUSÃO DOS POVOS CIGANOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO BRASILEIRO**

---

**Maria Raquel Alves da Rocha**

# EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A INCLUSÃO DOS POVOS CIGANOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO BRASILEIRO.

**Maria Raquel Alves da Rocha**

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Teresina - PI

**RESUMO:** Considerando a importância que questões como identidade cultural e interculturalidade tem apresentado para pensarmos o papel da escola nos dias atuais, procuramos, neste trabalho, fazer reflexões críticas sobre a inclusão dos povos ciganos na educação básica do ensino brasileiro. O Brasil possui uma grande diversidade de povos, existindo uma vasta população cigana em seu território, por esta razão, se faz necessário entender aspectos relevantes desses povos para compreendermos suas configurações perceptivas sobre o mundo. Os ciganos são discriminados por suas características culturais específicas em muitas escolas e buscam defender seus direitos, entretanto, como podem culturas diferentes dialogarem no âmbito da escola? A opção por discutirmos tal questão justifica-se pela relevância de se atentar a necessidade de atendimento escolar que compreenda as diferenças da identidade cultural dos povos ciganos. Temos por objetivo, analisar e refletir sobre as condições de acesso ao ensino ofertado aos povos ciganos. Como metodologia, optamos por técnicas de etnografia para termos uma visão mais abrangente sobre a temática, já que se trata de se analisar uma cultura particular como a dos ciganos nômades. partimos da pesquisa bibliográfica e depois fomos a campo, buscando escolas municipais e estaduais de Teresina, capital do estado do Piauí, que recebem alunos em situação de itinerância. A pesquisa nos levou a concluir que adotando um novo ponto de vista baseado no respeito à diferença por parte da equipe escolar e adotando novas propostas educacionais é possível a existência de um processo dialógico intercultural que beneficie as comunidades ciganas.

**PALAVRAS-CHAVE:** interculturalidade, educação, povos ciganos, reflexões, inclusão.

## 1- INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma população cigana considerável em seu território. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou mais de 800 mil ciganos no país, no ano de 2013. Sabemos que os ciganos possuem uma cultura peculiar e única, de característica nômade, realizando sua peregrinação em vários países do mundo. Portadores de uma identidade étnica específica, os ciganos integram na sua formação identitária alguns aspectos da modernidade, mas preservam as características idiossincráticas de sua cultura. Este sincretismo originou múltiplas identidades ciganas. Na verdade, existe uma diversidade de identidades ciganas no Brasil, entretanto a existência de vários clãs não desconfigura os aspectos peculiares de sua cultura.

A construção identitária do cigano se dá em meio a lutas, lutas pelo reconhecimento positivo de suas práticas culturais e religiosas que ainda são tratadas de forma estigmatizante pela sociedade brasileira ainda mergulhada em intolerância religiosa. Calderash, Sinti, Boiash, Roma, Calón são nomes designados

por povos tradicionalmente nômades chamados no Brasil de "Ciganos". Os ciganos receberam diferentes nomes em diferentes lugares e tempos. A palavra, "Cigano", foi influenciada por sua história na Espanha, especialmente pelos povos da Catalunha, chamados de Gitanos.

A teoria mais aceita é que os ciganos sejam originários do norte da Índia e hoje vivem espalhadas pelo mundo, sendo sempre uma minoria étnica nos países onde vivem. Para os ciganos seu local de origem não é uma preocupação, mas sim seu estado de nomadismo. As perseguições portuguesas aos ciganos teriam sido uma das causas da vinda de alguns grupos para o Brasil. Não há dúvida alguma que os primeiros ciganos que chegaram ao Brasil foram oriundos de Portugal e que não vieram voluntariamente, mas por terem sido expulsos daquele país.

Segundo Moonen (1996), ciganos portugueses foram deportados para o Brasil, em 1686, ao que tudo indica. O trabalho do autor, fala de intolerância cultural historicamente associadas aos ciganos, incluindo informações sobre a existência de documentos de 1760 acusando os ciganos de não possuírem nada que não fosse roubado, incluindo até mesmo roubo de escravos. Estes documentos, dessa época, eram mais parecidos com páginas policiais nas quais os ciganos são apresentados como ladrões, criminosos, charlatões e as mulheres ciganas como bruxas e trambiqueiras. por apresentar apenas velhos estereótipos sobre os ciganos, estes registros em nada acrescentavam a ciganologia brasileira, que estava dando seus primeiros passos no país.

Os ciganos banidos de Portugal, alojavam-se em barracas. Trabalhavam com metais, eram ourives, ferreiros, caldeireiros, latoeiros, etc. As notícias verdadeiras é que trabalhavam como qualquer trabalhador honesto. Eram, no entanto, acusados de ladrões e trapaceiros em suas transações comerciais, que segundo o autor, parecia mais que os ciganos eram perspicazes em negociar.

Os documentos analisados pelo autor, que incluíam artigos de jornais de 1936, não deixam dúvida sobre os dotes artísticos dos ciganos, principalmente nas suas habilidades na música e na dança. Os ciganos foram até mesmo convidados para alegrar a festa de casamento de D. Pedro I com D. Leopoldina, conquistando aplausos de todos. Como prêmio lhes foram concedidos patentes militares e joias para as mulheres.

Infelizmente, os dados históricos são relativamente poucos, pois os historiadores brasileiros nunca deram grande importância à história cigana, e mesmo as informações que se tem se tratam de dados distorcidos pela visão etnocêntrica dos informantes e de alguns dos próprios historiadores e antropólogos, em épocas anteriores. A antropologia assumiu como seu foco os chamados grupos de pequena escala, entretanto os estudos desenvolvidos ao longo do século XX privilegiou os indígenas, e só recentemente, as comunidades negras e outros povos como as quebradeiras de coco babaçu, imigrantes, judeus e outros, dos quais os ciganos estão incluídos.

Estes povos também necessitam de assistência escolar para que tenham acesso à educação. O presente trabalho visa identificar as condições da inclusão de povos ciganos em situação de itinerância em escolas de educação básica do município de Teresina, no estado do Piauí. A investigação nas escolas da localidade



referida conduz a reflexões críticas acerca do ensino brasileiro ofertado aos povos ciganos.

O trabalho justifica-se pela necessidade de despertar um olhar mais cuidadoso no que se refere a etnoeducação e a interculturalidade dentro do ambiente escolar brasileiro. A etnoeducação indica uma análise a partir do gênero de ensino e sua articulação com o estilo de aprendizagem. A interculturalidade tem espaço quando duas ou mais culturas entram em interação de uma forma horizontal e sinérgica. Este tipo de conexão implica ter respeito pela diversidade. Nesta perspectiva, verificamos a deficiência pela qual, na prática, o processo de escolarização dos povos ciganos no estado do Piauí tem sido inserido nestas duas instâncias.

A relação intercultural indica uma situação em que pessoas de culturas diferentes interagem. Entretanto, analisando tal situação no ambiente escolar brasileiro fomos indagados a refletir: podem culturas diferentes conversarem entre si? Como podem culturas diferentes dialogarem no âmbito escolar? Segundo o Ministério de Educação do Brasil, a educação, em particular a escola, tem o dever de agenciar a relação entre culturas com poder imparcial.

Temos por objetivos analisar as condições de inclusão dos povos ciganos em situação de itinerância em escolas de educação básica do município de Teresina, estado do Piauí. Também temos por objetivo refletir sobre o acesso ao ensino brasileiro ofertado aos povos ciganos, bem como os desafios da requalificação dos educadores e ainda objetivamos identificar a relação intercultural gerada no ambiente escolar entre educadores e estudantes ciganos, com a proposta de fomentar o diálogo entre culturas.

Como metodologia, optamos por técnicas de etnografia para termos uma visão mais abrangente sobre a temática, pois tratando-se de analisar uma cultura particular como a dos ciganos nômades, se faz necessário entendermos os aspectos peculiares desta cultura. A antropologia nos conduz a analisarmos as culturas em sua amplitude tendo como base a observação participante. Partimos da pesquisa bibliográfica e depois fomos a campo, buscando escolas que recebem alunos em situação de itinerância. Iniciamos a pesquisa bibliográfica para confrontar autores que pesquisam processos identitários e contemporaneidade. Analisamos, no presente trabalho o aporte teórico de autores importantes para a sustentação teórica da pesquisa em questão. Verificamos que todos eles expunham conceitos e reflexões que proporcionam conexões com particularidades da cultura cigana. Ainda fizemos pesquisa em jornais, revistas e internet sobre escolas com alunos ciganos em situação de itinerância para investigar sobre as relações étnicas e cidadania no sistema educacional.

Após a pesquisa bibliográfica, procedemos a pesquisa de campo em visita a acampamentos temporários de ciganos na cidade, para obtermos mais familiaridade com o problema. A pesquisa também se estendeu a escolas municipais e estaduais do município de Teresina, capital do estado do Piauí. A observação da quantidade de ciganos matriculados foi de suma importância e ainda fizemos entrevistas com ciganos locais.

Analisamos sistematicamente e observamos como os alunos ciganos são recebidos nas escolas pesquisadas e como se dá a relação dicotômica professor-

aluno em sala de aula. Mediante tal análise entrevistamos a direção e a coordenação de duas escolas municipais e uma escola estadual do município de Teresina, capital do Piauí, conhecidas por receber matrículas de alunos em situação de itinerância, dentre estes, constatamos alunos de origem cigana. As direções das três escolas analisadas pediram sigilo aos nomes das referidas escolas e comentaram que os alunos ciganos recebem tratamento igual aos demais alunos matriculados, o que notamos drástico contraste nestas afirmações, pois ao experienciarmos as aulas em sua práxis, constatamos intensos conflitos com os alunos ciganos. Verificamos ainda como são encarados pela comunidade circundante. Sistematizamos, em seguida, todos os dados coletados. Continuamos a fazer constantes visitas nas comunidades ciganas com aplicação de questionário.

## 2- CULTURA DE DOMINAÇÃO E CULTURA DE SUBORDINAÇÃO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A complexidade das relações sociais e interculturais no mundo contemporâneo requer novas formas de se produzir conhecimentos no campo da pesquisa e da educação. Isto se tem configurado em um desafio da educação intercultural no Brasil. O Decreto Nº 4739 de 26 de junho de 2015 dispõe sobre o Plano Municipal de Educação de Teresina (PME) onde uma das metas bem claras é colaborar com a implantação de políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito ou quaisquer formas de discriminação, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão. Entretanto o que constatamos na maioria das escolas do município de Teresina são atitudes que desrespeitam a diversidade cultural.

Observamos uma barreira intercultural por parte dos professores de educação básica em algumas escolas do município de Teresina, barreira configurada pelo preconceito etnocêntrico, que muitas vezes levaram ao confronto direto de diferenças. Segundo relatos, alguns professores referiam-se as crianças ciganas como “meninos mal-educados e bagunceiros”, e algumas escolas descumprem lei, dificultando o recebimento destes estudantes ciganos.

Sobre isso Gilberto Velho faz um comentário interessante:

A complexidade e a heterogeneidade da sociedade moderno-contemporânea tem como uma de suas características principais, justamente, a existência e a percepção de diferentes visões de mundo e estilos de vida. Uma das questões mais interessantes e polêmicas é verificar até que ponto a participação em um estilo de vida e em uma visão de mundo, com algum grau de especificidade implica uma adesão que seja significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais. (VELHO, 2013, p.62).

O que Gilberto Velho (2013) nos conduz a refletir é que uma das características da atual sociedade é a coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo. Grupos coletivos e bem organizados sustentados em crenças e valores compartilhados, como os povos ciganos, continuam atuando sobre uma

sociedade que os veem com indiferença, desenvolvendo uma capa protetora contra uma ameaça de fragmentação da sociedade, como destruidores da harmonia social. Este desequilíbrio entre as culturas é uma marca da modernidade.

Sabemos que esta situação não ocorre somente no Brasil, mas também em muitas regiões do mundo. Raquel Rolnik, relatora da ONU, menciona a precária situação dos ciganos no mundo, particularmente na Europa. Os ciganos são historicamente discriminados e marginalizados. Sua condição nômade e sua forte especificidade cultural de seu modo de vida, têm marcado a inserção ambígua desses grupos nos países que habitam ou por onde passam. Essa inserção no continente europeu não é bem aceita e gera dificuldades em toda parte, com algumas exceções como a Espanha. Existem assentamentos ciganos em vários países em condições bastante precárias. No Brasil, os ciganos ainda continuam com certa invisibilidade, por isso não é de admirar que haja falta de compromisso entre os estados para o enfrentamento de questões relacionadas a área da educação, junto a essa população.

Casa-Nova (2005), levanta a hipótese de que ainda há um longo caminho a percorrer para que se construa uma educação intercultural onde as culturas das minorias étnicas, possam ser oficialmente reconhecidas, tanto na prática, como no currículo escolar. A compreensão da complexidade e dialeticidade de poder existente entre a cultura de dominação e a cultura de subordinação é aplicável nesta esfera da vida social e por isso é necessário refletir e buscar meios para se entender e respeitar as minoridades para que estas sejam respeitadas dentro da sociedade que deve ser igualitária, ou seja, que dê as condições necessárias para haver igualdade entre seus membros.

Consideremos a importância da ideia de existência da diversidade. A diversidade prioriza a identidade e a diferença, que são dados da vida social e que a pedagogia recomendada é que se tenha respeito e tolerância para com estas. Nesta ótica, Silva (2014), faz questionamentos pertinentes:

Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser neutralizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Mas será que as questões da identidade e da diferença se esgotam nessa posição liberal? E, sobretudo: essa perspectiva é suficiente para servir de base para uma pedagogia crítica e questionadora? Não deveríamos, antes de mais nada, ter uma teoria sobre a *produção* da identidade e da diferença? Quais as implicações políticas de conceitos como diferença, identidade, diversidade, alteridade? O que está em jogo na identidade? Como se configuraria uma pedagogia e um currículo que estivessem centrados não na diversidade, mas na diferença, concebida como um processo, uma pedagogia e um currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las? (SILVA, 2014, p.73-74).

O autor considera que o problema reside no fato de que esta abordagem não questiona as relações de poder e os processos de diferenciação que produzem a identidade e a diferença, que simplesmente tem como resultado as novas produções

do dominante tolerante e o dominado tolerado, entretanto, tratar as diferentes culturas envolve não vê-las como uma questão de consenso, mas abrange relações de poder. De acordo com Silva, anteriormente citado, a cultura dominante e a cultura subordinada, centram-se em uma visão do “nós” e “eles”. Isto implica demarcação de fronteiras, que por sua vez, supõe afirmação e reafirmação das relações de poder. De acordo com o autor, questionar a identidade e a diferença como relações de poder conduz a problematizar os entornos em que estas se organizam.

Silva afirma que identidade e diferença são inseparáveis, pois uma depende da outra, estão em uma relação de estreita dependência. Como exemplo, o autor menciona a afirmação “sou brasileiro”, esta expressão só é necessária porque existem outros seres humanos que não são brasileiros, portanto, as afirmações sobre diferença só fazem sentido se forem compreendidas em sua relação com a identidade. Fora dos sistemas de significação, que por meio destes adquirem sentido, a identidade e a diferença não podem ser compreendidas. O problema crucial está na normalização.

A normalização acontece quando se fixa uma determinada identidade como norma, privilegiando-a e elegendo-a como parâmetro em relação as outras e assim produz-se uma forma hierarquizante das identidades e diferenças. Uma abordagem em que a pedagogia e o currículo tratassem a identidade e a diferença como questões políticas seria de relevante importância, pois estaria priorizando como a identidade e a diferença são produzidas. Segundo o autor citado, antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença, é necessário explicar como ela é produzida ativamente.

Pardo (1996), indica uma possibilidade de abertura para um mundo que necessita da diferença para que tenha dinâmica e que pode ser pensado na pedagogia como diferença.

Respeitar a diferença não pode significar “deixar que o outro seja como eu sou” ou “deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)”, mas deixar que o outro seja como eu *não sou*, deixar que ele seja esse outro que *não pode* ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença *da* identidade, deixar ser uma outridade que não é outra “relativamente a mim” ou “relativamente ao mesmo”, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade. (PARDO, 1996, p.159).

### 3- CIGANOS E EDUCAÇÃO: DESAFIOS E SUPERAÇÕES

Os Ciganos trazem uma cortina de mistério em sua cultura sendo que sortilégios e encantamentos fazem parte de seu conhecimento. Muitas vezes, isso faz com que os não ciganos os vejam com um olhar discriminante, por não conhecerem seus costumes e tradições, além disso, os ciganos ainda carregam os velhos chavões de feiticeiros, trapaceiros e ladrões de criança. Buscar um entendimento sobre a configuração cultural destes povos, desprovidamente de achismos e prejulgamentos, seria o fio condutor para se abrir uma nova perspectiva

epistemológica na compreensão do hibridismo e da ambivalência, ambos constituintes das identidades e relações interculturais.

Segundo Spradley (1970 apud KEESING; STRATHERN, 2014, p. 518), a cultura nômade urbana é caracterizada pela mobilidade, pobreza e um conjunto peculiar de estratégias de sobrevivência, o que se aplica favoravelmente a situação a que passam os ciganos. Percebemos as dificuldades destes nômades urbanos, pois os ciganos integram-se nas cidades que transitam, são condenados pela rejeição da sociedade. Embora nômades, o fato de continuar se mudando, os prende aos mesmos cenários aonde quer que vão.

No Brasil, os próprios ciganos listam algumas situações desafiadoras que impedem colocarem seus filhos para estudarem. Eles reclamam do preconceito da sociedade, alguns não veem muito sentido na educação formal para seus filhos, uma vez que vivem em comunidades fechadas. Além disso, a vida itinerante de muitas dessas comunidades dificulta para as crianças seguirem o calendário letivo tradicional.

A educação é outra questão complicada para a mulher cigana. Há grandes diferenças para os grupos ciganos itinerantes e as comunidades que fixaram residência. A cigana nômade sofre mais dificuldades de acesso à educação e aos serviços de saúde. Apesar das leis assegurarem o acesso ao ensino, a própria assiduidade tem impedimentos devido a sua condição de ter que mudar de cidade constantemente e ter que cuidar dos filhos que chegam logo em sua juventude, pois as ciganas casam muito cedo. Contudo, algumas ciganas se encontram com formação universitária, mas em alguns casos a continuação dos estudos se deu a um preço alto equivalendo o rompimento com a família. Ademais, as ciganas ainda carregam os velhos chavões estereotipados de mulheres vagabundas, feiticeiras trapaceiras, falsas, ladras, entre outros, dados a elas pela sociedade não-cigana.

Estes são problemas que devido a transformações sociais impostas pela modernidade começam a mudar. Os ciganos concluíram que precisavam de educação formal para poderem conviver em sociedade, para se locomoverem nas cidades, pegando um ônibus, por exemplo. Além disso, o Ministério da Educação (MEC) reuniu-se com líderes ciganos para traçar metas de atendimento escolar e discutir a implementação das diretrizes definidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).

O Conselho Nacional de Educação (CNE) definiu diretrizes para o atendimento escolar de crianças em situação de itinerância – caso de famílias ciganas e que trabalham em circo, por exemplo. A Resolução CNE/CEB nº 3/2012 instituiu tais diretrizes as populações ciganas, entre as quais a de assegurar a matrícula em qualquer época do ano.

O próximo passo foi o de decretar a todos os municípios que fizessem vistas ao cumprimento da lei e que os sistemas de ensino brasileiros recebessem orientações para o atendimento dessas populações ciganas. Os pais ciganos poderiam dirigir-se a secretaria de educação da localidade e obterem uma declaração que ordena a matrícula de seus filhos em qualquer escola pública ou privada e quantas vezes for necessário, ou seja, em quantas escolas diferentes a criança precisar por migrar de uma cidade para outra. Segundo o Ministério da

Educação (MEC), nenhuma unidade pode negar uma matrícula, ainda que o aluno não tenha documentos ou certificados de escolas anteriores.

De acordo com Nanni (1998), é possível haver mudanças viáveis no sistema escolar para que se alcance alguns benefícios, a qual podemos incluir estes povos itinerantes, dentre elas, ele cita a formação e a requalificação dos educadores. Desta mudança depende o sucesso ou fracasso da proposta intercultural. O autor aponta que o que está em jogo na formação dos educadores é a superação da perspectiva monocultural e etnocêntrica que configura os modos tradicionais e consolidados de educar, seu modo de pensar e de se relacionar com os outros, de atuar nas situações concretas.

Uma escola brasileira do estado de Goiás, tem feito um trabalho elogiável no que diz respeito a facilitar o acesso dos ciganos a escola. Ao observar a necessidade de melhorar a inclusão dos ciganos em seu espaço a equipe da escola municipal Dom Velloso foi até a Secretaria de Educação e levou a proposta de uma turma separada para melhor dar assistência a esses povos, o que foi aprovado pelo Conselho de Educação.

Imagem: ciganos com seus filhos na carroça



Foto: Adriano Zago/G1

A escola municipal Dom Velloso criou uma classe específica para atender os alunos ciganos com o objetivo de adequar os conteúdos escolares aos costumes destes povos. A escola contou com a iniciativa dos professores e coordenadores para que isto fosse possível. Para assegurar que os alunos cumpram a carga horária escolar, há um grande esforço dos educadores em evitar que se falte as aulas. A imagem acima mostra que diariamente, famílias de ciganos levam filhos para escola em carroças.

Um dos motivos mais comuns para as faltas são as tradições ciganas, como o casamento, cujas comemorações duram vários dias. Sempre que necessário, os professores deslocam-se para os acampamentos dos ciganos para aplicarem provas, quando existem tais situações. Logicamente, para entender essas e outras

particularidades da cultura cigana, a direção e os professores da referida escola tiveram que estudar os costumes do povo ciganos. Esforço que resultou em ricas recompensas.

A iniciativa da escola goiana pode servir como exemplo a outras escolas sobre como adaptar seu sistema a outras culturas. Neste contexto, a educação passa a ser entendida como processo construído pela relação de respeito e igualdade de oportunidades, ou, mais simplesmente, educação intercultural. Não é uma tarefa fácil para muitos professores, especialmente se tiverem uma formação centrada em uma perspectiva monocultural, com práticas que desconsideram as diferenças, no entanto, sabemos que ser um profissional docente representa não apenas transmitir conhecimentos, mas requer que se tenha motivação que possibilite a transcendência no ensino com o desejo de atuar em um contexto complexo e diversificado como é o escolar.

#### 4- CONCLUSÕES

Os ciganos com sua cultura específica e caracterizada pelo nomadismo necessitam de assistência especializada para ter contínuo acesso à educação escolar. Embora ainda haja certa resistência a continuação dos estudos por parte dos ciganos, a escola precisa ser oferecida independente de ser usada ou não. Por isso é necessário refletirmos sobre estas questões que se caracterizam como espinhosos problemas do nosso tempo, o da responsabilidade de respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule, que haja respeito as diferenças étnicas e culturais, a serem acolhidas na escola e na sociedade. O reconhecimento do outro a partir dos complexos processos que constituem sua subjetividade permite compreendê-lo em sua alteridade. Pensando a educação brasileira, nesta perspectiva intercultural de educação, é primordial se repensar e ressignificar a concepção de educador, pois este é importante agente mediador de conhecimentos.

A educação, na perspectiva intercultural, deixa de ser concebida como um processo de formação de atitudes baseadas numa relação unidirecional, unidimensional e unifocal, conduzidas por procedimentos verticais e hierarquizantes. A educação que leva em conta a importância das relações étnicas, é entendida como o processo construído pela simetria intensa entre sujeitos diferentes, criando contextos interativos que se conectam dinamicamente com os diferentes contextos culturais em que seus respectivos sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, tornando-se um ambiente criativo e estruturante de movimentos identitários.

Nessa perspectiva, o processo de aprendizagem, acontece pela compreensão do contexto que construído pelos próprios sujeitos em interação, configura o sentido de seus atos. Desta forma, promove-se o desenvolvimento de contextos educativos que permitem uma articulação entre os diferentes contextos socioculturais. A medida que os diferentes sujeitos elaboram autonomia e consciência crítica, na relação com o outro sujeito, desencadeia-se um processo de transformação, em que os conflitos podem ser redimensionados ou transformados positivamente.

A diferença pode ser construída negativamente, através da marginalização ou da exclusão daqueles que são definidos como “outros”. Por outro lado, pode ser visibilizada como fonte de diversidade e hibridismo e desta forma ser vista como enriquecedora. A escola Dom Veloso, citada neste trabalho, encontrou, dentro de suas possibilidades, a melhor maneira de promover a interculturalidade em sua comunidade escolar. Este exemplo abre oportunidades de se refletir como a instituição escolar pode procurar ou melhorar o acolhimento ao outro como outro de forma que estes possam conservar a afirmação que lhe é própria.

A territorialidade cigana se manifesta em diversas escalas, a tenda, a cidade, os itinerários, a região, mas é na cidade que essa territorialidade ganha status de conflitos. Os povos ciganos no Brasil, chamados de ciganos de estrada, detêm uma cultura singular, dividindo com aqueles que os acolhem um grande número de seus aspectos culturais. Em tempos de globalização, este encontro de culturas proporciona conceber que todas as culturas são agentes de diversidade, recriando o sentido da humanidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Relatório Executivo Brasil Cigano**. Brasília: SEPP/PR. 2013.

BRASIL. Resolução 03/2012 da CEB/CNE, que define diretrizes para o atendimento de educação escolar para populações em situação de itinerância. Brasília, DF.

BRASIL. Decreto n.4739, de 26 de junho de 2015. Dispõe sobre o Plano Municipal de Educação de Teresina. – PME. **Lex**: Diário Oficial do Município (DOM-THE), pub. 03 de julho de 2015, p. 2-12.

CASA-NOVA, M. J. M. **Etnografia e produção de conhecimento: reflexões críticas a partir de uma investigação com ciganos portugueses**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. 2009. p. 224.

MOONEN, Franz. História esquecida dos ciganos. **Revista Saeculum**. Paraíba, n. 02, p. 123-138, jul. 1996.

NANNI, A. **L'educazione interculturale oggi in Italia**. Brescia: EMI

PARDO, J.L. El sujeto inevitable. In: CRUZ, M. (org). **Tiempo de subjetividade**., Barcelona: Paidós, 1996. p. 133-154.

SILVA, T. T. da. A produção social da diferença. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-101.



KEESING, R. M.; STRATHERN, A. J. **Antropologia Cultural – uma perspectiva contemporânea**. Trad. Vera Joscelyne, 3ª ed, Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 518.

VELHO, G. “Memória, Identidade e projeto”. In VIANNA, H, et al (orgs.) VELHO, G. **Um Antropólogo na cidade – ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 62-68.

**ABSTRACT:** Considering the importance that issues such as cultural identity and interculturality have presented in order to think about the role of the school in the present day, we seek, in this work, to make critical reflections on the inclusion of the gypsy people in the basic education of Brazilian education. Brazil has a great diversity of peoples, there being a vast gypsy population in its territory, for this reason, it is necessary to understand relevant aspects of these peoples to understand their perceptual configurations on the world. Gypsies are discriminated against because of their specific cultural characteristics in many schools and seek to defend their rights, however, how can different cultures dialogue within the school? The option to discuss this issue is justified by the relevance of attending to the need for school attendance that understands the differences of the cultural identity of the gypsy people. We aim to analyze and reflect on the conditions of access to the education offered to the Roma people. As a methodology, we opted for ethnography techniques in order to have a more comprehensive view on the subject, since it is a question of analyzing a particular culture such as that of the nomadic gypsies. we started from the bibliographic research and then went to the field, searching for municipal and state schools in Teresina, capital of the state of Piauí, which receive students in a situation of roaming. The research led us to conclude that adopting a new point of view based on respect for the difference on the part of the school team and adopting new educational proposals is possible the existence of an intercultural dialogical process that benefits the gypsy communities.

**KEYWORDS:** interculturality, education, gypsy people, reflections, inclusion.

### **Sobre os autores:**

**Alan Isaac Mendes Caballero** Mestrando no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação na UNICAMP, cuja linha é Ciências Sociais. Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Educação e Sociedade (GPPES) da mesma faculdade. Graduado em 2017 pela Faculdade de Educação da UNICAMP em Pedagogia. Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação de Amparo à Pesquisa pelo Estado de São Paulo (FAPESP) durante o período da Iniciação Científica. E-mail para contato: [alanisaac09@gmail.com](mailto:alanisaac09@gmail.com).

**Alessandra Alexandre Freixo** Possui Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997), Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e Doutorado em Ciências Sociais pela UFRRJ (2010). Atualmente é Professora Titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atuando principalmente nas seguintes temáticas de pesquisa: educação e ruralidades, imagens e narrativas no mundo rural, estudos de cultura e mundo rural, ensino de ciências no contexto da educação do campo.

**Anna Carla Ferreira de Araújo** Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

**Anna Cristina Ferreira de Araújo** Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do projeto de extensão PIPEx, UFPE. Trabalha na área de biologia vegetal com ênfase em biologia de Briófitas.

**Brenno Fidalgo de Paiva Gomes** Graduação em Educação Artística pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; Grupo de Pesquisa: CORPOSTRANS. e-mail: [brenno.fidalgo@gmail.com](mailto:brenno.fidalgo@gmail.com)

**Candida Soares da Costa** Professora da Universidade Federal de Mato Grosso; Membro do corpo docente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; Graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação E-mail: [candidasoarescosta@gmail.com](mailto:candidasoarescosta@gmail.com)

**Cynthia Nery da Silva** Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); [cynthianery@outlook.com](mailto:cynthianery@outlook.com)

**Edmar Ferreira Santos** Professor da Universidade do Estado da Bahia. Membro do corpo docente do Programa de Especialização em Educação e Diversidade Étnico-Racial do Departamento de Ciências Humanas, campus VI da Universidade do Estado

da Bahia. Graduado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia, programa onde atualmente desenvolve pesquisa de doutorado com apoio do Programa de Bolsas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB. E-mail: [estudosafricanos.edu@gmail.com](mailto:estudosafricanos.edu@gmail.com)

**Emanuelle de Oliveira Belisario** Estudante do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (Centro Acadêmico do Agreste) e bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação a docência (Pibid). Email: [emanuelleoliver@hotmail.com](mailto:emanuelleoliver@hotmail.com)

**Érica Monale da Silva Gomes** Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: [mmonale009@gmail.com](mailto:mmonale009@gmail.com)

**Grasiela Lima de Oliveira** Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2015) e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2012). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação stricto sensu da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA (Previsão de término – 2018). Participa do grupo de pesquisa Carta Imagem, coordenado por Alessandra Freixo. Bolsista CNPQ. Atua principalmente nas seguintes áreas: ensino de ciências no contexto da educação do campo, narrativas, educação e ruralidades, formação docente.

**Hellen Cristina de Oliveira Alves** Professor da Faculdade Afonso Mafrense; Psicóloga do Instituto Federal do Piauí; Graduação em Psicologia pela Faculdade Santo Agostinho; Mestranda em Educação pela Anne Sullivan; E-mail para contato: [hellencrisss@gmail.com](mailto:hellencrisss@gmail.com)

**Hercules Guimarães Honorato** Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA/RJ), ano de conclusão 2012. Graduação em Ciências Navais com Habilitação em Administração pela Escola Naval (ano de conclusão - 1982). Especializações em: Gestão Internacional (2007) e MBA Logística (2009) pelo Instituto COPPEAD de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e Docência do Ensino Superior (2008) pelo Instituto a Vez do Mestre da Universidade Cândido Mendes, RJ. Doutor e Mestre em Política e Estratégia Marítimas pela Escola de Guerra Naval (EGN) - Rio de Janeiro, anos de conclusão 2007 e 1999 respectivamente. Diplomado pela Escola Superior de Guerra (ESG) do Rio de Janeiro no Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE-2010). Professor convidado da Escola Superior de Guerra desde 2009, dos Cursos de Altos Estudos de Política e Estratégia e Logística e Mobilização Nacional. Assessor Especial do Superintendente de Ensino da Escola Naval (EN) desde set. 2012 e professor da Disciplina de Metodologia da Pesquisa da mesma IES militar. E-mail para contato: [hghhhma@gmail.com](mailto:hghhhma@gmail.com)

**Isabella Nara Costa Alves** Graduação em Pedagogia pela Faculdade dos Guararapes; Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em raça, gênero e sexualidades Audre Lorde (GEPERGES); E-mail para contato: [isabella.athos@live.com](mailto:isabella.athos@live.com)

**Ivonildes da Silva Fonseca** Possui graduação em Biblioteconomia e documentação pela Universidade Federal da Bahia (1979), graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1990), graduação em Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1992), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (1995) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2011). Atualmente é professora horista do Centro Universitário de João Pessoa, professor titular da Universidade Estadual da Paraíba, colaboradora - Bamidelê - Organização de Mulheres Negras na Paraíba, coordenadora - Bamidelê - Organização de Mulheres negras na Paraíba, voluntária do Instituto de Referência Étnica e efetivo da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: mulher negra, educação e etnia, escola e sociedade, racismo e legislação. Grupo de pesquisa: Dandê: educação, gênero e representações afro-brasileiras. Email: [vania\\_baiana@hotmail.com](mailto:vania_baiana@hotmail.com)

**Jéssica Dyane da Silva Martins** Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); [jessicamartinsjp@outlook.com](mailto:jessicamartinsjp@outlook.com)

**Lígia Luís de Freitas** Professor da Universidade – Centro Universitário de João Pessoa; Membro do corpo docente da Graduação – Centro Universitário de João Pessoa; Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, com sanduíche na Universidade de Barcelona, na área de currículo. Núcleo/Grupo de pesquisas: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero (NIPAM); Grupo de pesquisa interdisciplinar Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde (MUCGES)

**Lilian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa** Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; e-mail: [gabriellaufpi@outlook.com.br](mailto:gabriellaufpi@outlook.com.br)

**Luciana Menezes de Lima Mendes** Graduação em andamento em Pedagogia. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil. Ensino Médio (2º grau). Dona Leonor Porto, DLP, Brasil

**Maria Joselma do Nascimento Franco** Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo -USP (2005), professora associada da Universidade Federal de Pernambuco, Coordenadora (Pibid) fomentado pela CAPES - Subprojeto Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste, pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea - PPGEduc. Email: [mariajoselmadonascimentoofranco@gmail.com](mailto:mariajoselmadonascimentoofranco@gmail.com)

**Maria Juliana Chaves de Sousa** Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; membro do grupo de pesquisa Centro de Estudos e Documentação em Educação – CEDE da UEFS.

**Maria Raquel Alves da Rocha** Atualmente desenvolve pesquisas sobre cultura cigana, abrangendo a performance nos rituais ciganos e suas manifestações artísticas. É professora do curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Piauí - UFPI e cursa mestrado em Antropologia, pela UFPI. É graduada em Licenciatura em educação artística, com habilitação em Artes Plásticas; é especialista em Arteterapia em Educação e também especialista em Dança e consciência corporal. É docente da Secretaria de educação e cultura do estado do Piauí (SEDUC-PI). A autora é artista designer e bailarina e já desenvolveu trabalhos em danças ancestrais no estado do Piauí. Seu e-mail é [raquelalvesrocha@hotmail.com](mailto:raquelalvesrocha@hotmail.com)

**Maysa Conceição de Farias Albuquerque** Estudante do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (Centro Acadêmico do Agreste) e bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação a docência (Pibid). Email: [maysa.albuquerque@outlook.com](mailto:maysa.albuquerque@outlook.com)

**Nágib José Mendes dos Santos** Professor da Universidade Federal de Alagoas/UFAL – Campus A.C. Simões; - Membro do corpo docente do Curso de Letras-Libras Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. Graduação em Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas. Mestrado em Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/CEDU/ Universidade Federal de Alagoas. Participante do Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos em Educação e Diversidade – NEEDI. E-mail para contato: [nagibem@gmail.com](mailto:nagibem@gmail.com).

**Osmar Barbosa dos Santos Ribeiro** Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Maria Milza – FAMAM e em Letras Português/Inglês Pelo Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR; especialista em MBA Gestão de Pessoas e em Gestão Escolar pela Faculdade Batista Brasileira - FBB, em Educação do Campo e Desenvolvimento Rural Sustentável pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias – FAC; mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; membro do grupo de pesquisa Carta-Imagem - UEFS; bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Atuando principalmente nos seguintes temas: educação do campo, projeto político pedagógico, práticas pedagógicas em ambiente hospitalar, educação e formação docente. E-mail para contato: [osdi.art@hotmail.com](mailto:osdi.art@hotmail.com).

**Paula Paulino da Silva** Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: [paulinha.s90@hotmail.com](mailto:paulinha.s90@hotmail.com)

**Rafael Gomez da Silva Carneiro** Graduação em Direito pela UNINOVAFAPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; Grupo de Pesquisa: CORPOSTRANS. e-mail: [rafaelgomezcarneiro@gmail.com](mailto:rafaelgomezcarneiro@gmail.com)

**Rayane dos Santos Borges** Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); [santosborges1897@outlook.com](mailto:santosborges1897@outlook.com)

**Roberto Vinicio Souza da Silva** Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí UESPI – Campus Parnaíba – Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Juventudes (NEPJUV/UFPI-Parnaíba)

**Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento** Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí UFPI – Campus Parnaíba – Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí UFPI – Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI) – Professor do Município de Luis Correia - PI

**Rosemary Meneses dos Santos** Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Castelo Branco – RJ – Especialista em Libras pela Faculdade de Ciências e Tecnologia de Teresina – FACET/CCTP e Especialista [Psicopedagogia](#) pela ISEPRO em Parnaíba. Professora do Município de Tutóia - MA

**Silvana Nóbrega Gomes** Professora do Centro Universitário de João Pessoa; Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB; Mestre Em Educação Física e Esportes pela Universidade de Granada/Espanha UGR/ES; Doutora em Educação Física e Esportes pela Universidade de Granada/Espanha UGR/ES; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)-Coordenadora pedagógica. [Silvana.n.g@hotmail.com](mailto:Silvana.n.g@hotmail.com)

**Suely Marilene da Silva** Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais Instituição Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Formação em Pedagogia pela Instituição Universidade Vale do Acaraú – UVA; Pós-graduada em Gestão Escolar e Coord. Pedagógica Instituição Faculdade de Saúde de Paulista – Fasup; Pós-graduada em Psicologia Organizacional e do Trabalho Instituição Faculdade de Saúde de Paulista – Fasup

**Suzana dos Santos Cirilo** Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: [suzana.182009@hotmail.com](mailto:suzana.182009@hotmail.com)

**Tamires de Campos Leite** Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas. Graduanda do Curso de Letras-Libras Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. E-mail para contato: [ttamireslleite@gmail.com](mailto:ttamireslleite@gmail.com).

**Valdeci Silva Mendes** Técnico Administrativo em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; Graduação: em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso; Mestrado: em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Doutorando: em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação; E-mail: [valdeciconexoes@ufmt.br](mailto:valdeciconexoes@ufmt.br)

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-93243-77-6

